

A woman in a light blue, long-sleeved, high-waisted dress with a full skirt and white gloves stands in profile, looking out a window. The window is framed by light blue curtains. The background behind the text is dark with faint musical notes.

# *Julia Quinn*

A SOMA DE TODOS OS BEIJOS

QUARTETO SMYTHE-SMITH 3



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Este é para mim.

E também para Paul.

Mas principalmente para mim.

# PRÓLOGO

*Londres. Tarde da noite. Primavera de 1821.*

— **Q**uem tem boa memória sempre vence no *piquet* – disse o conde de Chatteris para ninguém em particular.

Lorde Hugh Prentice não o ouviu. Estava longe demais, à mesa perto da janela, e – o que era mais relevante – um pouco bêbado. Mas, se tivesse escutado o comentário de Chatteris – e se não estivesse embriagado –, ele teria pensado: “É por isso que eu jogo.”

Não teria dito isso em voz alta. Hugh nunca fora dado a falar apenas para que sua voz fosse ouvida. Mas teria pensado isso. E sua expressão teria mudado. Um dos cantos de sua boca teria se curvado e a sobrancelha direita poderia ter se arqueado, apenas um pouco, mas o suficiente para um observador atento considerá-lo presunçoso.

No entanto, verdade seja dita, a sociedade londrina era bastante carente de observadores atentos.

Exceto por Hugh.

Hugh Prentice observava tudo. E também se lembrava de tudo. Se quisesse, podia recitar *Romeu e Julieta* inteiro, palavra por palavra. *Hamlet* também. *Júlio César* não, mas só porque nunca o lera.

Seu talento raro o levava a ser punido seis vezes em seus primeiros meses em Eton por suspeitas de ter trapaceado nas avaliações. Ele logo percebeu que sua vida seria infinitamente mais fácil se errasse uma ou duas questões de propósito nas provas. Não que ele ligasse para as acusações de trapaça – *sabia* que não havia trapaceado e pouco lhe importava alguém pensar o contrário –, mas era uma amolação ser convocado a ficar de pé diante de seus professores regurgitando informações até convencê-los de sua inocência.

Se havia uma área em que sua memória realmente vinha a calhar era nos jogos de cartas. Sendo o filho mais novo da marquesa de Ramsgate, Hugh

sabia que não herdaria nada. Esperava-se que os filhos mais novos entrassem para o Exército, o clero ou se tornassem caçadores de fortuna. Como Hugh não levava jeito para nada disso, teria que encontrar outros meios de sustento. E apostar era ridiculamente fácil para quem tinha a capacidade de memorizar cada carta jogada – na ordem – durante toda uma noite.

O difícil era encontrar cavalheiros dispostos a jogar, já que a notável habilidade de Hugh no *piquet* se tornara lendária. Contudo, desde que houvesse jovens bêbados o bastante, sempre haveria alguém tentando uma rodada. Todos queriam vencer Hugh Prentice nas cartas.

O problema era que nesta noite Hugh também estava bêbado “o bastante”. Isso não era comum; nunca lhe agradara a perda de controle que advinha de uma garrafa de vinho. Mas ele tinha ido com amigos a uma taberna em que as canecas eram grandes, a multidão era barulhenta e as mulheres eram excepcionalmente curvilíneas.

Quando eles chegaram ao clube e puseram as mãos em um baralho, Daniel Smythe-Smith, que recentemente obtivera seu título de conde de Winstead, já havia bebido muito. Estava fazendo descrições vívidas da mulher com quem acabara de ter relações enquanto Charles Dunwoody prometia voltar à taberna para superar o desempenho do amigo. E até mesmo Marcus Holroyd – o jovem conde de Chatteris, que sempre fora um pouco mais sério do que os outros – ria tanto que quase caiu da cadeira.

Hugh havia preferido a jovem que o servira à de Daniel – um pouco menos exuberante, um pouco mais ágil –, mas se limitou a sorrir quando lhe pediram que revelasse os detalhes. Lembrava-se de cada centímetro dela, é claro, mas nunca falava sobre intimidades sexuais.

– Desta vez vou vencer você, Prentice! – vangloriou-se Daniel.

Ele se encostou de forma relaxada na mesa, exibindo seu sorriso inconfundível, que praticamente cegava os outros. Sempre fora o mais encantador do grupo.

– Pelo amor de Deus, Daniel! – gemeu Marcus. – De novo, não!

– É sério, vou conseguir – garantiu Daniel, brandindo um dedo no ar e caindo na gargalhada quando o movimento o fez perder o equilíbrio. – Desta vez vou conseguir.

– Ele vai! – exclamou Charles Dunwoody. – Sei que vai!

Ninguém se deu ao trabalho de comentar nada. Mesmo sóbrio, Charles Dunwoody parecia saber muitas coisas que não eram verdade.

– Não, sério, vou mesmo – insistiu Daniel. – Porque você – ele apontou para Hugh – bebeu muito.

– Não tanto quanto você – salientou Marcus, mas deu um soluço ao dizer isso.

– Eu contei – disse Daniel, triunfante. – Ele bebeu mais.

– Eu bebi mais que todo mundo – gabou-se Dunwoody.

– Então decididamente *você* deveria jogar – disse Daniel.

A partida teve início, o vinho foi servido e todos estavam se divertindo muito até que...

Daniel ganhou.

Hugh pestanejou, olhando para as cartas na mesa.

– Ganhei – afirmou Daniel, com considerável assombro. – Estão vendo isso?

Hugh reviu mentalmente o baralho, ignorando o fato de que algumas das cartas estavam atipicamente indistintas.

– Ganhei – repetiu Daniel, desta vez para Marcus, seu amigo de longa data.

– Não – retrucou Hugh, principalmente para si mesmo.

Aquilo era impossível. Simplesmente impossível. Ele nunca perdia no baralho. À noite, antes de dormir, era capaz de se lembrar de cada carta que pusera na mesa ao longo do dia. Até mesmo da semana.

– Nem eu sei como consegui – disse Daniel. – Veio um rei, mas depois veio um sete e eu...

– Era um ás! – disparou Hugh.

Não queria ouvir nem mais um segundo que fosse daquela idiotice.

– Hummm. Talvez.

– Deus! – bradou Hugh. – Alguém o faça calar a boca.

Ele precisava de silêncio. Precisava se concentrar e recordar as cartas. Se conseguisse, a história terminaria. Como na vez em que havia voltado tarde para casa com Freddie e o pai os esperara com...

Não, não, não. Isso era diferente. Eram cartas. *Piquet*. Ele nunca perdia. Essa era a única, única, certeza que tinha na vida.

Dunwoody coçou a cabeça e olhou para as cartas, contando em voz alta.

– Acho que ele...

– Winstead, seu trapaceiro desgraçado! – gritou Hugh, as palavras saindo espontaneamente.

Ele não sabia de onde tinham vindo ou o que o levava a dizê-las, mas no momento em que foram pronunciadas elas encheram o ar, uma onda agressiva pairando acima da mesa.

Hugh começou a tremer.

– Não – disse Daniel.

Apenas isso. Apenas *não*, com uma das mãos trêmula e uma expressão confusa. Desconcertado, como...

Mas Hugh não queria saber. Não conseguia pensar, então se levantou de repente, derrubando a mesa enquanto se apegava à única coisa que sabia que era verdade: o fato de que *nunca* perdia um jogo de cartas.

– Não trapaceei – garantiu Daniel, piscando várias vezes.

Ele se virou para Marcus.

– Eu não trapaceio – assegurou.

Mas ele tinha que ter trapaceado. Hugh tentou mais uma vez relembrar as cartas do jogo, mas ignorou o fato de que, em sua mente, o valete de paus estava mesmo segurando um pedaço de pau e perseguia o dez, que bebia vinho de uma taça muito parecida com a que agora estava estilhaçada a seus pés...

Hugh começou a gritar. Não tinha a menor ideia do que estava dizendo, apenas que Daniel havia trapaceado, a rainha de copas tinha atrapalhado tudo e 306 vezes 42 sempre fora 12.852, não que soubesse o que isso tinha a ver com qualquer coisa. Mas agora havia vinho no chão, as cartas estavam por toda parte e Daniel estava balançando a cabeça e dizendo:

– Do que ele está falando?

– Não havia possibilidade de você ter aquele ás – sibilou Hugh. – O ás estava depois do valete, que estava perto do dez...

– Mas eu tinha – disse Daniel, encolhendo os ombros. E deu um arrote.

– Não podia – retrucou Hugh, tropeçando e tentando se equilibrar. – Sei onde está cada carta.

Daniel olhou para as cartas. Hugh olhou também, para a rainha de ouros com vinho madeira cobrindo o pescoço feito sangue.

– Incrível – murmurou Daniel. Ele olhou nos olhos de Hugh. – Eu ganhei. Imagine só!

Estaria Daniel Smythe-Smith, o venerável conde de Winstead, zombando dele?

– Vou vingar minha honra – rugiu Hugh.

Daniel ergueu a cabeça, surpreso.

– O quê?

– Escolha seu padrinho.

– Está me desafiando para um duelo?

Daniel olhou para Marcus, incrédulo.

– Acho que ele está me desafiando para um duelo.

– Daniel, cale a boca – grunhiu Marcus, subitamente parecendo muito mais sóbrio do que os demais.

Mas Daniel o dispensou com um gesto e disse:

– Hugh, não seja idiota.

Hugh não pensou. Lançou-se contra Daniel, que pulou para o lado, mas não rápido o suficiente. Os dois caíram. Hugh bateu com o quadril em uma das pernas da mesa, mas mal sentiu a pancada. Deu um, dois, três, quatro socos em Daniel, até que alguém o puxou, contendo-o com dificuldade enquanto ele dizia, com raiva:

– Você é um maldito trapaceiro!

Porque ele tinha certeza disso. E Winstead *zombara* dele.

– Você é um idiota! – respondeu Daniel, limpando sangue do rosto.

– Vou vingar minha honra!

– Ah, mas não vai mesmo – bradou Daniel. – *Eu* vingarei a minha honra.

– No Campo Verde? – indagou Hugh friamente.

– Ao amanhecer.

Houve um silêncio opressivo enquanto todos esperavam que um dos dois voltasse à razão.

Mas eles não voltaram. Claro que não.

Hugh sorriu. Não podia imaginar um motivo que fosse para sorrir, mas ainda assim sentiu o sorriso surgindo em seu rosto. E, quando olhou para Daniel Smythe-Smith, foi como se enxergasse outro homem.

– Que seja.



– Você não tem que fazer isso – disse Charles Dunwoody com uma careta, enquanto terminava a inspeção da arma de Hugh.

Hugh não se deu ao trabalho de responder. Sua cabeça doía demais.

– Quero dizer, acredito que ele estava trapaceando. Devia estar porque, bem, é você, e você sempre ganha. Não sei como consegue fazer isso, mas ganha.

Hugh mal moveu a cabeça, mas seus olhos descreveram lentamente um arco na direção do rosto de Dunwoody. Agora *ele* estava sendo acusado de trapaça?

– Acho que é a matemática – continuou Dunwoody, ignorando a expressão sarcástica de Hugh. – Você sempre foi excepcionalmente bom nisso...

Que agradável. É sempre muito bom ser chamado de excepcional.

– E eu *sei* que você nunca trapaceou em matemática. Deus sabe quanto o testamos na escola!

Dunwoody o encarou franzindo a testa.

– Como você faz isso?

Hugh o fitou.

– Está querendo que eu responda *agora*?

– Ah, não. Não, é claro que não.

Dunwoody pigarreou e deu um passo para trás. Marcus Holroyd seguia na direção deles, provavelmente para tentar evitar o duelo. Hugh observou as botas de Marcus pisando na grama úmida. Sua passada esquerda era mais longa que a direita, embora não muito. Provavelmente precisaria de mais quinze passos para alcançá-los, dezesseis se estivesse mal-humorado e quisesse invadir o espaço deles.

Mas aquele era Marcus. Pararia no décimo quinto passo.

Marcus e Dunwoody trocaram armas para inspeção. Hugh ficou perto do médico, que estava *cheio* de informações úteis.

– Aqui – disse o homem, batendo na parte superior da coxa dele. – Já vi isso acontecer. Artéria femoral. Você sangra feito um porco.

Hugh não disse nada. Não ia realmente *atirar* em Daniel. Tivera algumas horas para se acalmar e, embora ainda estivesse furioso, não via motivos para tentar matá-lo.

– Mas se só quiser algo que realmente doa – continuou o médico –, melhor é acertar a mão ou o pé. Os ossos são fáceis de quebrar e têm muitos nervos. Além do mais, não o matará. Não são coisas tão importantes assim.

Hugh era muito bom em ignorar pessoas, mas nem mesmo ele pôde deixar de se contrapor a isso.

– A mão não é importante?

O médico passou a língua pelos dentes e depois fez um som de sucção, na certa para desalojar algum pedaço rançoso de comida. O homem deu de ombros.

– Não é o coração – retrucou.

Ele não deixava de ter razão, o que era irritante. Hugh odiava quando pessoas irritantes tinham razão. Ainda assim, se tivesse juízo, o médico calaria a porcaria da boca.

– Só não mire na cabeça – disse o médico, com um estremeamento.

– Ninguém quer isso. E não estou só falando do pobre coitado que será alvejado. Haverá miolos por toda parte, rosto dilacerado... Seria o fim do funeral.

– E foi esse o médico que você escolheu? – questionou Marcus.

Hugh virou a cabeça na direção de Charles Dunwoody e explicou:

– Quem o trouxe foi ele.

– Sou barbeiro – declarou o homem, na defensiva.

Marcus balançou a cabeça e caminhou de volta até Daniel.

– Cavalheiros, preparar!

Hugh não reconheceu quem dera a ordem. Devia ser alguém que ouvira falar do duelo e queria se gabar de tê-lo testemunhado. Não havia muitas frases mais chamativas em Londres do que “Vi com meus próprios olhos”.

– Apontar!

Hugh ergueu o braço e apontou. Dez centímetros à direita do ombro de Daniel.

– Um!

Meu Deus, ele se esquecera da contagem.

– Dois!

Sentiu um aperto no peito. A contagem. A gritaria. Era o momento em que os números se tornavam o inimigo. A voz de seu pai, rouca de triunfo, e Hugh tentando não ouvir...

– Três!

Hugh recuou.

E puxou o gatilho.

– Ahhh!

Ele olhou para Daniel, surpreso.

– Maldição! Você atirou em mim! – gritou Daniel.

Ele apertava o ombro, a camisa branca amarrotada já ficando vermelha.

– O quê? – disse Hugh para si mesmo. – Não.

Ele havia mirado para o lado. Não muito para o lado, mas tinha uma boa pontaria, uma excelente pontaria.

– Ah, meu Deus! – murmurou o barbeiro, correndo pela lateral do campo.

– Você atirou nele – afirmou Charles Dunwoody, arfando. – Por que fez isso?

Hugh ficou sem palavras. Daniel estava ferido, talvez mortalmente, e ele fizera isso. *Ele* fizera isso. Ninguém o forçara. E mesmo agora, enquanto Daniel erguia seu braço ensanguentado...

Hugh gritou ao sentir a perna ser dilacerada.

Por que ele tinha pensado que ouviria o tiro antes de senti-lo? Sabia como isso funcionava. Se Isaac Newton estivesse certo, o som viajava a uma velocidade de 298 metros por segundo. Hugh estava a uns 18 metros de Daniel, o que significava que a bala teria que ter viajado a...

Ele pensou. E pensou.

Não conseguiu encontrar a resposta.

– Hugh! Hugh! – Era Dunwoody, aos brados. – Hugh, você está bem?

Hugh olhou para cima e viu o rosto de Charles Dunwoody em borrões. Se estava olhando para cima, devia estar no chão. Pestanejou, tentando pôr seu mundo novamente em foco. Ainda estava bêbado? Havia consumido uma quantidade descomunal de álcool na noite anterior, antes e depois da discussão com Daniel.

Não, não estava bêbado. Pelo menos não muito. Havia sido baleado. Ou pelo menos achava que sim. Tivera essa sensação, mas na verdade não doía mais. Ainda assim, isso explicava por que estava deitado no chão.

Engoliu em seco, tentando respirar. Por que isso era tão difícil? Não fora atingido na perna? Isso *se* tivesse sido atingido. Não estava certo do que acontecera.

– Ah, meu Deus – disse uma nova voz.

Era Marcus Holroyd, pálido e ofegante.

– Ponha pressão nisso! – vociferou o barbeiro. – E cuidado com esse osso!

Hugh tentou falar.

– Um torniquete – disse alguém. – Deveríamos aplicar um torniquete?

– Tragam minha maleta! – gritou o barbeiro.

Hugh novamente tentou falar.

– Não desperdice suas forças – disse Marcus, segurando a mão dele.

– Mas não durma! – acrescentou Dunwoody, desesperado. – Mantenha os olhos abertos.

– A coxa – resmungou Hugh.

– O quê?

– Diga ao médico...

Hugh fez uma pausa, tentando respirar.

– A coxa. Sangra feito um porco.

– Do que ele está falando? – perguntou Marcus.

– Eu... eu...

Dunwoody estava tentando dizer alguma coisa que ficou presa na garganta.

– O quê? – perguntou Marcus.

Hugh olhou para Dunwoody. Ele não parecia bem.

– Acho que ele está tentando ser engraçado – disse Dunwoody.

– Pelo amor de Deus! – vociferou Marcus, virando-se para Hugh com uma expressão que ele achou difícil de interpretar. – Seu idiota, em vez de... Uma piada. Você está fazendo piada.

– Não chore – disse Hugh, porque parecia que ele ia chorar.

– Aperte mais – ordenou alguém, e Hugh sentiu algo puxando sua perna e depois apertando-a com força.

Em seguida veio a voz de Marcus:

– É melhor você ficar deitadoooooo...

E isso foi tudo.



Quando Hugh abriu os olhos, estava escuro. E ele estava em uma cama. Tinha se passado um dia inteiro? Ou mais? O duelo fora ao amanhecer. O céu ainda estava rosado.

– Hugh?

Freddie? O que Freddie estava fazendo ali? Não se lembrava da última vez em que o irmão pusera os pés na casa de seu pai. Hugh quis pronunciar o nome dele, dizer quanto estava feliz por vê-lo, mas sentiu a garganta incredivelmente seca.

– Não tente falar – pediu Freddie.

Ele se inclinou para a frente, sua cabeça loura familiar entrando na direção da luz da vela. Eles sempre haviam sido parecidos, mais do que a maioria dos irmãos. Freddie era um pouco mais baixo, um pouco mais magro e um pouco mais louro, mas eles tinham os mesmos olhos verdes no mesmo rosto anguloso. E o mesmo sorriso.

Quando sorriam.

– Vou lhe dar um pouco de água – disse Freddie.

Cuidadosamente, levou uma colher aos lábios de Hugh, despejando o líquido na boca do irmão.

– Mais – resmungou Hugh.

Não sobrara nada para engolir. Cada gota fora absorvida por sua língua ressecada.

Freddie lhe serviu mais algumas colheres cheias de água e depois disse:

– Vamos esperar um pouco. Não quero lhe dar muito de uma só vez.

Hugh concordou com a cabeça. Não soube por quê, mas concordou.

– Dói? – perguntou Freddie.

Doía, mas Hugh teve a estranha sensação de que não doera tanto até que o irmão perguntasse.

– Sabe, ainda está aí – informou Freddie, apontando na direção do pé da cama. – Sua perna.

Claro que ainda estava lá. Doía infernalmente. Onde mais estaria?

– Às vezes as pessoas sentem dor mesmo depois de perderem um membro – apressou-se a completar Freddie, nervoso. – Chamam de dor fantasma. Li sobre isso, não sei quando. Algum tempo atrás.

Então provavelmente era verdade. A memória de Freddie era quase tão boa quanto a de Hugh e ele sempre havia gostado de ciências biológicas. Quando eram crianças, Freddie vivia ao ar livre, cavando a terra e coletando espécimes. Algumas vezes Hugh ia com ele, mas ficava muito entediado.

Hugh logo descobriu que seu interesse por besouros não aumentaria à medida que encontrasse mais e mais deles. E que o mesmo valia em relação aos sapos.

– Nosso pai está lá embaixo – comentou Freddie.

Hugh fechou os olhos. Foi o gesto que conseguiu fazer para mostrar que assentia.

– Preciso ir buscá-lo – disse o irmão mais velho, sem convicção.

– Não.

Cerca de um minuto depois, Freddie continuou:

– Beba um pouco mais de água. Você perdeu muito sangue. É por isso que se sente tão fraco.

Hugh tomou mais algumas colheres. Doía engolir.

– E também está com a perna quebrada. O fêmur. O médico pôs a perna no lugar, mas disse que o osso foi estilhaçado. – Freddie pigarreou. – Acho que você vai ficar preso aqui por algum tempo. O fêmur é o maior osso do corpo humano. Levará meses para sarar.

Freddie estava mentindo. Hugh podia perceber isso na voz do irmão. O que significava que o osso demoraria mais do que meses para se consolidar. Ou talvez nem se consolidasse. Talvez ele ficasse aleijado.

Isso não seria divertido?

– Que dia é hoje? – perguntou Hugh com a voz rouca.

– Você ficou inconsciente por três dias – respondeu Freddie, interpretando corretamente a pergunta.

– Três dias – repetiu Hugh. – Meu Deus!

– Cheguei ontem. Corville me avisou.

Hugh assentiu com a cabeça. Não era nenhuma surpresa que seu mor-  
domo tivesse avisado Freddie de que o irmão quase morreria.

– E Daniel? – perguntou Hugh.

– Lorde Winstead? – Freddie engoliu em seco. – Ele se foi.

Hugh arregalou os olhos.

– Não, ele não morreu – apressou-se a completar. – Está com o ombro ferido, mas ficará bem. Só deixou a Inglaterra. Nosso pai tentou fazer com que fosse preso, mas você ainda não estava morto...

*Ainda.* Engraçado.

–... e então, bem, não sei o que papai disse a ele. Winstead veio vê-lo um dia depois do ocorrido. Eu não estava aqui, mas Corville me disse que ele tentou se desculpar. O pai não foi... bem, você o conhece.

Freddie engoliu em seco e pigarreou.

– Acho que lorde Winstead foi para a França – concluiu.

– Ele deveria voltar – disse Hugh com dificuldade.

Não era culpa de Daniel. Não tinha sido ele quem exigira um duelo.

– Sim, bem, você pode resolver isso com o marquês – disse Freddie desconfortavelmente. – Ele tem falado em caçar Winstead.

– Na *França*?

– Não tentei discutir isso com ele.

– Não, claro que não.

Quem discutiria com um louco?

– Acharam que você poderia morrer – explicou Freddie.

– Eu sei.

E essa era a pior parte. Hugh realmente sabia.

O marquês de Ramsgate não podia escolher seu herdeiro: por ser o mais velho, Freddie obrigatoriamente receberia o título, as terras, a fortuna, tudo o que estivesse vinculado à sucessão legal. Mas, se lorde Ramsgate pudesse escolher, todos sabiam que sua opção seria Hugh.

Freddie tinha 27 anos e ainda era solteiro. Hugh tinha esperança de que ele se casasse, mas sabia que nenhuma mulher no mundo atrairia sua atenção. Aceitava isso em relação ao irmão. Não compreendia, mas aceitava. Só queria que Freddie entendesse que, mesmo assim, poderia se casar, cumprir seu dever e tirar toda aquela terrível pressão dos ombros do caçula. Muitas mulheres adorariam ver o marido fora de suas camas quando o quarto das crianças estivesse suficientemente povoado.

No entanto, o pai de Hugh ficara tão desgostoso que dissera a Freddie que não se desse ao trabalho de arranjar uma noiva. O título poderia lhe pertencer durante alguns anos, mas, segundo os planos de lorde Ramsgate, logo passaria para Hugh ou os filhos dele.

Não que o pai já tivesse demonstrado ter muita afeição por Hugh também.

Lorde Ramsgate não era o único nobre que não via nenhum motivo para tratar os filhos com igualdade. Hugh seria melhor para Ramsgate, portanto Hugh era melhor. Ponto final.

Porque todos sabiam que o marquês amava seu título de nobreza, Hugh e Freddie exatamente nessa ordem.

E provavelmente não restava nenhum amor para Freddie.

– Gostaria de láudano? – perguntou Freddie abruptamente. – O médico disse que eu poderia lhe dar um pouco se você acordasse.

Se. Mais engraçado do que *ainda*.

Hugh fez um gesto afirmativo com a cabeça e deixou o irmão mais velho ajudá-lo a ficar em uma posição mais ereta.

– Meu Deus, é horrível! – disse Hugh, devolvendo a xícara para Freddie depois de esvaziar seu conteúdo.

Freddie cheirou os resíduos.

– Álcool – confirmou. – A morfina é dissolvida nele.

– Exatamente o que me faltava – murmurou Hugh. – Mais álcool.

– O que disse?

Hugh apenas balançou a cabeça.

– Estou feliz por você ter acordado – disse Freddie em um tom que forçou Hugh a notar que ele não voltara a se sentar depois de lhe dar o láudano. – Vou pedir a Corville que avise o nosso pai. Prefiro não fazer isso se não for indispensável...

– É claro – disse Hugh.

O mundo era um lugar melhor quando Freddie evitava o pai. Era um lugar melhor quando Hugh também o evitava, mas naquele momento alguém tinha que interagir com o velho canalha, e ambos sabiam que precisava ser o çacula. O fato de Freddie ter ido lá, ao seu antigo lar em St. James's, era uma prova de seu amor ao irmão.

– Vejo você amanhã – disse Freddie, parando na porta.

– Não é preciso – disse-lhe Hugh.

Freddie engoliu em seco e desviou o olhar.

– Então talvez depois de amanhã.

Ou depois de depois de amanhã. Hugh não o culparia se nunca voltasse.



Freddie provavelmente instruíra o mordomo a esperar para avisar o pai sobre a mudança no estado de Hugh, porque se passou quase um dia inteiro antes de lorde Ramsgate irromper no quarto.

– Está acordado – vociferou.

Era impressionante como isso soava como uma acusação.

– Seu idiota! – sibilou Ramsgate. – Quase se matou. E para quê? Para quê?

– Também estou feliz em vê-lo, pai – respondeu Hugh.

Ele agora estava sentado, sua perna imobilizada esticada para a frente como um tronco de árvore. Sabia bem que parecia melhor do que se sentia, mas com o marquês de Ramsgate nunca se devia demonstrar fraqueza.

Aprendera isso muito cedo.

O pai lhe lançou um olhar desgostoso, ignorando seu sarcasmo.

– Você podia ter morrido.

- Deu para notar.
- Acha isso engraçado? – disparou o marquês.
- Na verdade, não – respondeu Hugh.
- Você *sabe* o que teria acontecido se você morresse.

Hugh esboçou um sorriso.

- Tenho pensado sobre isso, mas alguém realmente sabe o que acontece depois que morremos?

Meu Deus, como era bom ver o rosto de seu pai inchar e ficar vermelho! Desde que ele não começasse a cuspir.

- Não leva nada a sério? – perguntou o marquês.
- Levo muitas coisas a sério, mas não isso.

Lorde Ramsgate prendeu a respiração, com todo o corpo tremendo de raiva.

- Nós dois sabemos que seu irmão nunca se casará.

- Ah, então é *disso* que se trata? – devolveu Hugh, fazendo o possível para fingir surpresa.

- Não vou deixar Ramsgate sair desta família!

Hugh observou essa explosão de raiva por um tempo estudado e depois alegou:

- Ora, vamos, o primo Robert não é tão ruim. Até o deixaram voltar para Oxford! Bem, da primeira vez.

- Então é assim? – cuspiu o marquês. – Está tentando se matar só para me irritar?

- Acho que poderia irritá-lo com muito menos esforço do que isso. E com um resultado muito mais agradável para mim.

- Se quiser se livrar de mim, sabe o que precisa fazer – declarou lorde Ramsgate.

- Matá-lo?

- Seu maldito...

- Se eu soubesse que seria tão fácil, realmente teria...

- Apenas se case com alguma garota idiota e me dê um herdeiro – rugiu o pai.

- Já que o resultado seria o mesmo, prefiro que ela não seja idiota.

O marquês apenas balançou a cabeça, furioso. Um minuto inteiro se passou antes que voltasse a falar:

- Preciso ter certeza de que Ramsgate permanecerá na família.

– Eu nunca disse que não me casaria – observou Hugh, embora não fizesse ideia do que o levava a dizer isso. – Mas não o farei de acordo com a sua programação. Além do mais, não sou seu herdeiro.

– Frederick...

– Ainda pode se casar – interrompeu-o Hugh, destacando cada sílaba.

Mas o pai apenas bufou e encaminhou-se para a porta.

– Ah, pai – chamou Hugh antes que ele saísse. – Quer fazer o favor de avisar à família de lorde Winstead que ele pode voltar em segurança para a Grã-Bretanha?

– É claro que não. Por mim ele pode apodrecer no inferno. Ou na França. – O marquês deu uma risadinha sinistra. – Na minha opinião, dá quase no mesmo.

– Não há nenhum motivo para que ele não volte – ressaltou Hugh, com mais paciência do que se julgava capaz de ter. – Como nós dois podemos notar, ele não me matou.

– Ele atirou em você.

– Eu atirei primeiro.

– No *ombro*.

Hugh cerrou os dentes. Argumentar com o pai sempre fora extenuante. Além disso, o láudano o deixara entorpecido.

– A culpa foi minha – afirmou.

– Não importa – respondeu o marquês. – Ele foi embora andando. E agora você é um aleijado que talvez nem possa gerar filhos.

Hugh arregalou os olhos, alarmado. Ele tinha levado um tiro na perna. Na *perna*.

– Não pensou nisso, não é? – provocou o pai. – Aquela bala atingiu uma artéria. É um milagre que você não tenha sangrado até a morte. O médico acha que sua perna conseguiu permanecer com sangue suficiente para sobreviver, mas só Deus sabe sobre o resto do seu corpo.

Ele abriu a porta e proferiu sua última frase por cima do ombro.

– Winstead arruinou minha vida. Posso muito bem arruinar a dele.



A extensão total das lesões de Hugh só se tornaria conhecida vários meses depois. O fêmur sarou. Um pouco.

Sua musculatura pouco a pouco se recuperou. O que sobrara dela.

O lado bom era que tudo indicava que ele ainda poderia gerar um filho.

Não que ele quisesse. Ou, mais exatamente, que tivesse tido oportunidade.

Mas quando seu pai pediu... ou, melhor, exigiu... ou, melhor ainda, arrancou-lhe as cobertas na presença de um médico alemão com o qual Hugh não teria gostado de deparar em um beco escuro...

Hugh puxou as cobertas de volta, fingiu um constrangimento mortal e deixou o pai pensar que estava irreparavelmente ferido.

E, durante toda a dolorosa recuperação, Hugh ficou confinado na casa do pai, preso à cama, forçado a aceitar a ajuda de uma enfermeira cujo modo especial de cuidar dele o lembrava de Átila, o Huno.

Ela também se parecia com ele. Ou pelo menos tinha um rosto que Hugh imaginou ser compatível com o de Átila. Na verdade, essa não era uma comparação muito lisonjeira.

Para com Átila.

Mas Átila, a Enfermeira, por mais rude e cruel que fosse, era preferível ao pai dele, que aparecia todos os dias às 16h com um conhaque na mão (apenas um, dele próprio) e as notícias mais recentes de sua caçada a Daniel Smythe-Smith.

E todos os dias, às 16h01, Hugh pedia que o pai parasse.

Apenas parasse.

Mas é claro que ele não parava. Lorde Ramsgate jurara caçar Daniel até um deles estar morto.

Finalmente Hugh ficou bem o suficiente para deixar a Casa Ramsgate. Ele não tinha muito dinheiro – apenas o que ganhara no tempo em que jogava –, mas possuía o bastante para contratar um criado pessoal e alugar um pequeno apartamento no Albany, um prédio de primeira classe para cavalheiros de linhagem impecável e fortuna inexpressiva.

Hugh aprendeu sozinho a andar de novo. Precisava de uma bengala para qualquer distância considerável, mas era capaz de atravessar um salão de baile com os próprios pés.

Não que ele frequentasse salões de baile.

Aprendeu a conviver com a dor constante de um osso mal consolidado e o latejar de um músculo distendido.

Ele se forçava a visitar o pai, tentar conversar racionalmente com ele, dizer-lhe que desse um fim à caçada por Daniel Smythe-Smith. Mas nada

funcionava. Seu pai se agarrava à própria fúria. Agora nunca teria um neto, vociferava, e tudo por culpa do conde de Winstead.

Não deu atenção quando Hugh salientou que Freddie era saudável e ainda poderia surpreendê-los e se casar. Muitos homens que preferiam ficar solteiros acabavam arranjando esposas. O marquês se limitou a cuspir. Literalmente cuspiu no chão e disse que, mesmo que Freddie ficasse noivo, nunca conseguiria gerar um filho. E, se por algum milagre conseguisse, não seria uma criança digna do nome deles.

Não, a culpa era do conde de Winstead. Hugh deveria dar um herdeiro para Ramsgate, mas, agora, vejam só: era um aleijado inútil. Que provavelmente também não poderia gerar um filho.

Lorde Ramsgate nunca perdoaria Daniel Smythe-Smith, o antes elegante e popular conde de Winstead. Nunca.

E Hugh, cuja única constante na vida era sua capacidade de olhar para um problema de todos os ângulos e encontrar a solução mais lógica, não tinha ideia do que fazer. Mais de uma vez pensara em se casar, mas, apesar do fato de que ele *parecia* estar em boas condições, sempre havia a chance de a bala ter lhe provocado algum dano. Além disso, pensou, olhando para sua perna arruinada, que mulher o desposaria?

E então um dia se lembrou de algo – um momento fugaz daquela conversa com Freddie logo após o duelo.

Freddie dissera que não tentara discutir com o marquês, e Hugh havia pensado: quem discutiria com um louco?

Finalmente encontrara a resposta.

Apenas outro louco.

# CAPÍTULO 1

*Fensmore. Propriedade da Família Chatteris  
Cambridgeshire  
Outono de 1824*

**L**ady Sarah Pleinsworth, veterana de três temporadas malsucedidas em Londres, olhou ao redor pela futura sala de estar de sua prima e anunciou:

– Estou sendo assolada por uma epidemia de casamentos.

Estava acompanhada pelas irmãs mais novas, Harriet, Elizabeth e Frances, que – com 16, 14 e 11 anos – não estavam em idade de se preocupar com perspectivas matrimoniais. Ainda assim, era de esperar que expressassem um pouco de solidariedade.

Isso se a pessoa não conhecesse as garotas Pleinsworths.

– Está sendo melodramática – falou Harriet, sentada à escrivaninha, olhando de relance para Sarah antes de mergulhar a caneta na tinta e voltar a suas anotações.

Sarah se virou lentamente em sua direção.

– Você está escrevendo uma peça sobre Henrique VIII e um unicórnio e *eu* é que sou melodramática?

– É uma sátira – rebateu Harriet.

– O que é uma sátira? – perguntou Frances. – É o mesmo que um sátiro? Elizabeth arregalou os olhos com um prazer perverso.

– Sim! – exclamou.

– Elizabeth! – repreendeu-a Harriet.

Frances estreitou os olhos encarando Elizabeth.

– Não é, é?

– Deveria ser – retorquiu Elizabeth –, já que você a fez colocar um unicórnio maldito na história.

– Elizabeth! – repreendeu-a Sarah.

Não se importava com o fato de a irmã ter praguejado, mas, sendo a mais velha, sabia que *deveria* se importar. Ou pelo menos fingir.

– Eu não estava praguejando – protestou Elizabeth. – Estava apenas fantasiando.

A isso se seguiu um silêncio. Ninguém a compreendera.

– Se o unicórnio é amaldiçoado – explicou Elizabeth –, então a peça tem pelo menos alguma chance de ser interessante.

Frances suspirou.

– Ah, Harriet. Não vai ferir o unicórnio, vai?

Harriet cobriu seu texto com uma das mãos.

– Bem, não muito.

O suspiro de Frances se transformou em um arquejo de terror.

– Harriet!

– É mesmo *possível* haver uma epidemia de casamentos? – perguntou Harriet em voz alta, virando-se para Sarah. – E, nesse caso, *dois* seriam indício de epidemia?

– Sim – respondeu Sarah, mal-humorada. – Se ocorrerem em um intervalo de apenas uma semana e você for parente de uma das noivas e um dos noivos e, *principalmente*, se for forçada a ser dama de honra de um casamento em que...

– Você precisará ser dama de honra somente uma vez – interrompeu-a Elizabeth.

– Uma vez basta – murmurou Sarah.

Ninguém deveria andar pelo corredor de uma igreja com um buquê de flores a não ser que fosse a noiva, já tivesse sido a noiva ou fosse jovem demais para ser. Caso contrário, seria crueldade.

– Acho maravilhoso Honoria tê-la convidado para ser dama de honra! – exclamou Frances. – É tão romântico! Talvez você possa incluir uma cena como essa em sua peça, Harriet.

– Boa ideia – aplaudiu Harriet. – Eu poderia introduzir uma nova personagem. Será igualzinha a Sarah.

Sarah nem se deu ao trabalho de se virar para ela.

– Por favor, não faça isso.

– Ah, será muito divertido – insistiu Harriet. – Um trecho especial apenas para nós três.

– Somos quatro – observou Elizabeth.

– Ah, certo. Desculpe, acho que estava me esquecendo de Sarah.

Sarah não achou que isso merecia comentários, mas fez beicinho.

– Desse jeito – continuou Harriet – sempre nos lembraremos de que estávamos bem aqui, juntas, quando pensamos nisso.

– Você poderia fazê-la parecida comigo – disse Frances, esperançosa.

– Não, não – rejeitou Harriet, agitando a mão. – É tarde demais para mudar agora. Já está gravada na minha cabeça. A nova personagem deve ser parecida com Sarah. Deixem-me ver...

Ela começou a escrever freneticamente.

– Cabelos pretos com uma leve tendência a encaracolar.

– Olhos escuros insondáveis – acrescentou Frances, empolgada. – Devem ser insondáveis.

– Com um quê de loucura – disse Elizabeth.

Sarah se virou para encará-la.

– Só estou fazendo a minha parte – alegou Elizabeth. – E certamente vejo esse quê de loucura agora.

– Creio que sim – retorquiu Sarah.

– Nem muito alta nem muito baixa – disse Harriet, ainda escrevendo.

Elizabeth sorriu e se juntou à cantilena.

– Nem muito magra nem muito gorda.

– Ah, eu tenho uma! – exclamou Frances, praticamente pulando no sofá.

– Nem muito rosa nem muito verde.

Isso fez a conversa parar.

– Como é que é? – finalmente conseguiu dizer Sarah.

– Você não fica constrangida com facilidade – explicou Frances –, por isso raramente cora. E só a vi vomitar uma vez, quando nós todas comemos aquele peixe horrível em Brighton.

– Por isso o verde – disse Harriet em tom de aprovação. – Muito bem, Frances. Isso foi muito inteligente. As pessoas realmente ficam verdes quando estão enjoadas. Eu gostaria de saber por quê.

– Bile – retrucou Elizabeth.

– Precisamos falar sobre isso? – perguntou Sarah.

– Não sei por que você está de mau humor – disse Harriet.

– Eu não estou de mau humor.

– Você não está de *bom* humor.

Sarah não se deu ao trabalho de contradizê-la.

– Se fosse você – disse Harriet –, eu estaria nas nuvens. Você vai andar pelo corredor central da igreja.

– Eu sei.

Sarah se deixou cair no sofá, o lamento de sua última sílaba parecendo forte demais para que ela permanecesse aprumada.

Frances se levantou e foi para o lado de Sarah, olhando-a por cima das costas do sofá.

– Você não quer andar pelo corredor? – perguntou.

Ela lembrava um pouco um pardal preocupado, inclinando a cabeça para um lado e depois para o outro em movimentos curtos.

– Não exatamente – respondeu Sarah.

Pelo menos não se não fosse em seu próprio casamento. Mas era difícil conversar com as irmãs sobre isso. Havia uma grande diferença de idade entre elas. E não podia compartilhar certas coisas com uma menina de 11 anos.

A mãe dela perdera três crianças entre Sarah e Harriet, duas em abortos espontâneos e um menino – o único filho de lorde e lady Pleinsworth –, que morrera no berço antes de completar 3 meses. Sarah não saberia dizer se os pais estavam desapontados por não terem um filho homem, mas eles nunca haviam se queixado. Quando mencionaram que o título iria para William, primo de Sarah, não se lamentaram. Apenas pareciam aceitar as coisas como eram. Houvera algumas conversas sobre Sarah se casar com William para manter tudo “claro, em ordem e em família” (como sua mãe dissera), mas o primo era três anos mais novo do que ela. Com 18 anos, acabara de entrar para Oxford e certamente não se casaria nos cinco anos seguintes.

E não havia a mínima chance de Sarah esperar cinco anos. A mínima. Nem uma fração da mínima...

– Sarah!

Ela ergueu os olhos. Bem na hora em que Elizabeth parecia estar prestes a atirar um livro de poesia em sua direção.

– Não faça isso! – alertou-a Sarah.

Elizabeth franziu as sobrancelhas, decepcionada, e abaixou o livro.

– Eu estava perguntando – repetiu (aparentemente) – se você sabe se todos os convidados já chegaram.

– Acho que sim – respondeu Sarah, embora na verdade não fizesse ideia.

– Mas não tenho como saber dos que ficarão no vilarejo.

A prima delas, Honoria Smythe-Smith, se casaria com o conde de Chatteris na manhã seguinte. A cerimônia seria ali em Fensmore, a casa ances-

tral do nobre, no norte de Cambridgeshire. Mas nem mesmo a enorme residência poderia abrigar todos os convidados que estavam chegando de Londres; alguns tiveram que reservar quartos em hospedarias locais.

Por serem da família, os Pleinsworths foram os primeiros a ocupar quartos em Fensmore, e haviam chegado com quase uma semana de antecedência para ajudar nos preparativos. Ou, talvez mais exatamente, a mãe delas estava ajudando. Sarah fora incumbida de manter as irmãs longe de encrencas.

O que não era fácil.

Normalmente as garotas ficariam aos cuidados de sua governanta, o que permitiria a Sarah cumprir as tarefas de dama de honra de Honoria, mas Anne se casaria dali a duas semanas.

Com o irmão de Honoria.

O que significava que, ao fim dos festejos das núpcias de Honoria Smythe-Smith e do conde de Chatteris, Sarah (junto com metade de Londres, ao que parecia) pegaria a estrada de Fensmore para Whipple Hill, em Berkshire, para ir ao casamento de Daniel Smythe-Smith com a Srta. Anne Wynter. Como Daniel também era conde, seria um grande acontecimento.

Assim como o casamento de Honoria.

Dois grandes acontecimentos. Duas belas oportunidades para Sarah dançar, se divertir e se tornar dolorosamente consciente de que *não* era uma das noivas.

Ela só queria se casar. Isso era tão patético assim?

Não, pensou, endireitando a coluna (mas não a ponto de ficar totalmente reta), não era. Encontrar um marido e ser uma esposa era aquilo que fora educada para fazer, além de tocar piano no infame Quarteto Smythe-Smith.

O que, pensando bem, era parte do motivo de estar tão desesperada para se casar.

Todos os anos, religiosamente, as primas solteiras Smythe-Smith mais velhas eram forçadas a reunir seus talentos musicais inexistentes e tocar juntas, em quarteto.

E fazer uma apresentação.

Para pessoas de verdade. Que não eram surdas.

Um inferno. Sarah não conseguia pensar em um termo melhor para descrever isso. Estava bastante certa de que a palavra apropriada ainda não fora inventada.

O barulho que saía dos instrumentos das Smythe-Smiths também só poderia ser descrito com palavras ainda não inventadas. Mas, por algum motivo, todas as mães Smythe-Smiths (inclusive a mãe de Sarah, que agora era uma Pleinsworth) se sentavam na fileira da frente com sorrisos beatíficos no rosto, inabaláveis em sua ideia maluca de que as filhas eram prodígios musicais. E o restante do público...

*Esse era o mistério.*

Por que havia um “restante do público”? Sarah nunca conseguira descobrir. Certamente bastava alguém assistir uma única vez para perceber que nada de bom jamais sairia de uma apresentação musical das Smythe-Smiths. Mas ela examinara a lista de convidados e descobrira que algumas pessoas compareciam todos os anos. O que tinham na cabeça? Deveriam saber que seriam submetidas ao que só poderia ser descrito como tortura auditiva.

Bem, aparentemente já *fora* inventada uma expressão para aquilo, afinal.

O único meio de uma prima Smythe-Smith ser liberada do quarteto era o casamento. Bem, isso e fingir uma doença grave, mas Sarah já recorrera a essa estratégia uma vez e não achava que daria certo de novo.

Ou ter nascido menino. *Homens* não tinham que aprender a tocar instrumentos e sacrificar sua dignidade em um altar de humilhação pública.

Era realmente injusto.

Mas voltando ao casamento... Suas três temporadas em Londres não tinham sido fracassos completos. No verão anterior, por exemplo, dois cavalheiros haviam pedido sua mão em casamento. E, embora soubesse que provavelmente estaria se condenando a mais um ano no piano sacrificial, ela recusara ambos.

Não queria uma paixão arrebatadora. Era prática demais para acreditar que todos encontravam o verdadeiro amor – ou que sequer *existia* um verdadeiro amor. Mas uma dama de 21 anos não deveria ter que se casar com um homem de 63.

Quanto à outra proposta... Sarah suspirou. O cavalheiro era excepcionalmente cortês, mas, cada vez que contava até vinte (e parecia fazer isso com estranha frequência), pulava o número doze.

Sarah não precisava se casar com um gênio, mas seria demais esperar um marido que soubesse contar?

– Casamento – disse para si mesma.

– O quê? – perguntou Frances, ainda olhando-a por sobre as costas do sofá.

Harriet e Elizabeth estavam ocupadas com as próprias atividades, o que era bom, porque Sarah de fato não desejava nenhum público além de uma garota de 11 anos quando anunciou:

– Preciso me casar este ano, caso contrário acho que simplesmente vou morrer.



Hugh Prentice parou por um momento à entrada da sala de estar. Depois balançou a cabeça e seguiu em frente no corredor. Sarah Pleinsworth, se seus ouvidos não o estavam enganando, e em geral não o enganavam.

Outro motivo para não querer ir àquele casamento.

Hugh sempre fora uma alma solitária, e havia pouquíssimas pessoas cuja companhia procurava deliberadamente. Mas também havia poucas que evitava.

Como seu pai, é claro.

Assassinos condenados.

E lady Sarah Pleinsworth.

Mesmo que o primeiro encontro deles não tivesse sido um terrível desastre, nunca seriam amigos. Sarah Pleinsworth era uma daquelas mulheres dramáticas dadas a exageros e declarações grandiosas. Normalmente Hugh não estudava os padrões de fala dos outros, mas, quando lady Sarah falava, era difícil ignorá-la.

Ela usava muito advérbios. E pontos de exclamação.

Além disso, ela o desprezava. E isso não era mera suposição da parte dele. Ouvira-a murmurar essas palavras. Não que ele se incomodasse: também não se importava muito com ela. Só queria que aprendesse a ficar calada.

Como nesse momento. Ela ia morrer se não se casasse logo. Francamente!

Hugh balançou a cabeça. Pelo menos seria um casamento ao qual ele *não* teria que ir.

Quase escapara do matrimônio em questão também. Mas Daniel Smythe-Smith insistira em que ele fosse. Hugh salientara que nem mesmo era o casamento de Daniel, mas então o outro se reclinara em sua cadeira e dissera que, realmente, era o casamento da irmã dele, porém, se quisessem

convencer a sociedade de que tinham deixado suas diferenças para trás, era melhor Hugh comparecer, e com um sorriso no rosto.

Não fora o mais gracioso dos convites. Hugh, porém, não se importava. Preferia que as pessoas fossem sinceras. Mas Daniel estava certo sobre uma coisa. Nesse caso, as aparências eram importantes.

O duelo entre os dois, três anos e meio antes, havia sido um escândalo de proporções inimagináveis. Daniel tinha sido forçado a fugir do país e Hugh passara um ano inteiro aprendendo a andar de novo. E mais um ano tentando convencer o pai a deixar Daniel em paz, e mais outro tentando *encontrar* Daniel depois de por fim descobrir como fazer o pai dispensar os espões e assassinos e dar aquilo por encerrado.

Espões e assassinos. Sua existência realmente se rebaixara a esse nível de melodrama?

Hugh deu um longo suspiro. Havia acalmado o pai, localizado Daniel Smythe-Smith e levado o amigo de volta à Inglaterra. Agora Daniel se casaria, viveria feliz para sempre e tudo seria como deveria ter sido.

Para todos, exceto Hugh.

Ele olhou para a própria perna. Era justo. Fora ele quem começara tudo, portanto era ele quem deveria arcar com as consequências permanentes.

Mas, maldição, estava doendo. Hugh havia passado onze horas em uma carruagem no dia anterior e ainda sentia os efeitos colaterais.

Realmente não entendia por que precisava comparecer *àquele* casamento. Certamente sua ida ao de Daniel, ainda naquele mês, seria o suficiente para convencer a sociedade de que o duelo entre eles era coisa do passado.

Hugh não era orgulhoso a ponto de não admitir que, nesse caso, se importava com o que a sociedade pensava. Não se incomodara quando as pessoas o rotularam de excêntrico e disseram que ele era melhor em lidar com cartas do que com pessoas. Ou quando ouvira uma dama da sociedade dizer a outra que o achava muito estranho e nunca permitiria que sua filha o considerasse um possível pretendente – isso se sua filha se interessasse por ele, o que nunca aconteceria, afirmara enfaticamente.

Hugh não se incomodara com isso, mas se lembrava de cada palavra.

O que o incomodava de verdade era ser considerado vilão. Era que alguém fosse capaz de imaginar que ele pretendia matar Daniel Smythe-Smith ou que ficara feliz quando ele fora forçado a deixar a Inglaterra. Isso Hugh não podia suportar. E se o único modo de resgatar sua reputação era

fazer com que a sociedade percebesse que Daniel o perdoara, então compareceria a este casamento e ao que mais Daniel considerasse apropriado.

– Ah, lorde Hugh!

Hugh parou ao som de uma voz feminina familiar. Era lady Honoria Smythe-Smith, que em breve se tornaria lady Chatteris. Na verdade, dali a 23 horas, se a cerimônia começasse pontualmente, algo em que Hugh não acreditava muito. Ficou surpreso por ela estar ali. As noivas não deviam ficar rodeadas por suas amigas e familiares, preocupando-se com os detalhes de última hora?

– Lady Honoria – cumprimentou-a, mudando a posição da mão na bengala para poder lhe fazer uma mesura.

– Estou tão feliz por ter vindo ao casamento! – disse ela.

Hugh olhou para os olhos azul-claros de Honoria por um momento a mais do que outras pessoas poderiam achar necessário. Avaliou que ela estava sendo sincera.

– Obrigado – respondeu. Então mentiu: – Estou muito contente por estar aqui.

Ela deu um amplo sorriso que iluminou seu rosto de um modo que apenas a verdadeira felicidade poderia fazer. Hugh não se iludiu a ponto de achar que *ele* era responsável pela satisfação dela. Tudo o que havia feito era ser gentil para evitar que qualquer coisa estragasse a alegria do casamento.

Simplez feito matemática.

– Gostou de seu café da manhã? – perguntou Honoria.

Hugh teve a sensação de que ela não o fizera parar apenas para perguntar sobre sua refeição matutina, mas, como devia ser óbvio que acabara de comer, respondeu:

– Muito. Lorde Chatteris e sua cozinha estão de parabéns.

– Muito obrigada. Este é o maior evento realizado em Fensmore em décadas e os criados estão muito agitados, apreensivos. E encantados.

Honoria contraiu os lábios timidamente.

– Mas principalmente apreensivos – ressaltou.

Hugh não tinha nada a acrescentar, por isso a deixou prosseguir.

Ela não o desapontou.

– Eu esperava poder lhe pedir um favor.

Ele não podia imaginar qual, mas Honoria era a noiva e, se ela lhe pedisse para ficar de cabeça para baixo, Hugh entendia que era obrigado a tentar.

– Meu primo Arthur ficou doente – disse ela – e deveria sentar-se à mesa principal no café da manhã do casamento.

Ah, não. Não, ela não estava pedindo...

– Precisamos de outro cavalheiro e...

Aparentemente estava.

– Esperava que pudesse ser o senhor. Isso ajudaria muito a deixar tudo bem...

Ela engoliu em seco e olhou por um momento para o teto, tentando encontrar as palavras certas.

– Ou pelo menos fazer parecer que está tudo bem.

Observou-a por um instante. Não que seu coração tivesse saltado para a garganta; corações não faziam isso. No máximo, produziam uma sensação de aperto quando em pânico, e a verdade era que nem isso o dele fazia. Não havia motivo para se preocupar em ser forçado a sentar-se à mesa principal, mas havia todos os motivos para ter horror disso.

– Não, não é *isso* – apressou-se a dizer Honoria. – No que me diz respeito, e à minha mãe também, posso afirmar com muita certeza que o temos em alta conta. Sabemos... Isto é, Daniel nos contou o que o senhor fez.

Ele a encarou com atenção. O que exatamente Daniel havia lhe contado?

– Sei que ele não estaria aqui na Inglaterra se não o tivesse procurado, e sou muito grata por isso.

Hugh achou de uma delicadeza incomum ela não haver salientado que ele era o motivo de seu irmão ter sido obrigado a deixar o país.

Honoria sorriu serenamente.

– Uma pessoa muito sábia certa vez me disse que não são os erros que cometemos que revelam nosso caráter, mas o que fazemos para corrigi-los.

– Uma pessoa muito sábia? – perguntou Hugh.

– Bem, foi minha mãe – confessou ela com um sorriso tímido. – E saiba que ela disse isso para Daniel muito mais do que para mim, mas acabei percebendo, e espero que ele também, que é verdade.

– Acredito que ele percebeu – disse Hugh baixinho.

– Então – continuou Honoria, mudando rapidamente de assunto e humor. – O que me diz? Vai se juntar a mim à mesa principal? Estará me fazendo um enorme favor.

– Eu ficaria honrado em ocupar o lugar de seu primo – declarou Hugh. Era a mais pura verdade.

Ele preferiria nadar na neve a sentar-se à mesa principal diante de todos os convidados para o casamento, mas, ainda assim, era uma honra.

O rosto de Honoria se iluminou de novo como se fosse um farol, e sua felicidade era evidente. Era isso que o casamento fazia com as pessoas?

– Muito obrigada – disse ela, com óbvio alívio. – Se tivesse recusado, eu teria que pedir ao meu outro primo, Rupert, e...

– Tem outro primo? Está me dando um lugar de mais destaque que a ele?

Hugh podia não se importar muito com as inúmeras regras e normas que regiam sua sociedade, mas isso não significava que as desconhecesse.

– Ele é um horror – confessou ela em um sussurro bastante alto. – Com toda a sinceridade, é simplesmente terrível e come cebolas de mais.

– Bem, nesse caso... – murmurou Hugh.

– E... – continuou Honoria – ele e Sarah não se dão bem.

Hugh sempre media as palavras antes de falar, mas nem mesmo ele foi capaz de deixar escapar metade de “*Eu não me dou bem com lady Sarah...*” antes de fechar a boca.

– O que disse? – perguntou Honoria.

Ele se forçou a destravar o maxilar.

– Não vejo por que isso seria um problema – garantiu.

Deus, ele teria que se sentar ao lado de lady Sarah Pleinsworth. Como era possível Honoria Smythe-Smith não perceber que essa era uma péssima ideia?

– Ah, obrigada, lorde Hugh – agradeceu ela efusivamente. – Aprecio muito sua ajuda em relação a esse assunto. Se eu os colocasse juntos... e não haveria outro lugar onde sentá-lo à mesa principal, acredite em mim, eu procurei... só Deus sabe em que contendendas poderiam entrar.

– Lady Sarah? – murmurou Hugh. – *Contendas?*

– Eu sei – concordou Honoria, interpretando de modo totalmente errado as palavras dele. – É difícil de imaginar. Nós nunca tivemos uma discussão. Ela tem um senso de humor maravilhoso.

Hugh não fez nenhum comentário.

Honoria lhe dirigiu um grande sorriso.

– Mais uma vez, obrigada. Está me fazendo um enorme favor.

– Como eu poderia recusar?

Ela comprimiu os olhos por uma fração de segundo, mas pareceu não detectar o sarcasmo. O que fazia sentido, porque o próprio Hugh não sabia se estava sendo sarcástico.

– Bem – disse Honoria –, muito obrigada. Vou contar imediatamente a Sarah.

– Ela está na sala de estar – disse Hugh.

Honoria olhou para ele com curiosidade, por isso Hugh acrescentou:

– Eu a ouvi falando quando passei por lá.

Honoria continuou a franzir a testa, então ele completou:

– A voz dela é muito fácil de distinguir.

– Eu não tinha notado – murmurou Honoria.

Hugh decidiu que essa seria uma ótima hora para calar a boca e ir embora.

Mas a noiva tinha outros planos.

– Bem, se ela está lá, por que não vai comigo e lhe damos a boa notícia?

Era a última coisa que ele queria, mas Honoria lhe sorriu e ele se lembrou: *ela é a noiva*. Portanto, seguiu-a.



Nos romances fantasiosos – do tipo que Sarah lia às dezenas e pelos quais se recusava a desculpar-se –, as premissas gerais eram alardeadas, não sugeridas. A heroína levava as mãos à cabeça e dizia algo como: “Ah, se ao menos eu conseguisse encontrar um cavalheiro que pudesse ignorar que sou uma filha ilegítima e que tenho seis dedos!”

Muito bem, é preciso admitir que ela ainda não tinha encontrado um autor disposto a incluir um dedo extra em sua heroína. Mas isso certamente daria uma boa história. Não havia como negar.

Voltando às premissas. A heroína faria sua súplica apaixonada e então, como se evocado por um talismã antigo, um cavalheiro apareceria.

*Ah, se ao menos eu conseguisse encontrar um cavalheiro!* E lá estava ele.

Motivo pelo qual, depois de ter feito sua declaração (reconhecidamente ridícula) sobre morrer se não se casasse naquele ano, Sarah olhou para a porta. Afinal, não teria sido engraçado?

Como era de esperar, ninguém apareceu.

– Humpf – resmungou ela. – Até mesmo os deuses da literatura desistiram de mim.

– Disse alguma coisa? – perguntou Harriet.

– Ah, se ao menos eu conseguisse encontrar um cavalheiro! – murmurou para si mesma. – Um que me fizesse infeliz e me envergonhasse até o fim dos meus dias!

E então.

É claro.

Lorde Hugh Prentice.

Deus do céu, haveria um fim para sua angústia?

– Sarah! – disse Honoria alegremente, entrando pela porta ao lado dele.  
– Tenho uma boa notícia.

Sarah se levantou e olhou para a prima. Então olhou para Hugh Prentice, de quem, verdade fosse dita, *já* gostara. Depois olhou de novo para a prima. Honoria, sua melhor amiga no mundo inteiro. E compreendeu que Honoria (sua melhor amiga no mundo inteiro e quem realmente deveria conhecê-la melhor) *não* trazia uma boa notícia. Pelo menos não uma que Sarah considerasse boa.

Ou que Hugh Prentice considerasse, pelo que a expressão dele indicava.

Mas Honoria ainda irradiava um brilho de alegria, quase como uma daquelas lanternas usadas em casamentos. Seus pés estavam praticamente flutuando quando anunciou:

– Primo Arthur ficou doente.

Elizabeth ficou imediatamente atenta.

– Isso *é* uma boa notícia.

– Ora, vamos – disse Harriet. – Ele não é tão ruim quanto Rupert.

– Bem, essa parte não é a boa notícia – apressou-se a esclarecer Honoria, com um olhar nervoso para Hugh, para que ele não as considerasse totalmente cruéis. – A boa notícia é que Sarah teria que se sentar ao lado de Rupert amanhã, mas agora não terá mais.

Frances deu um gritinho e saltitou pela sala.

– Isso significa que eu poderia me sentar à mesa principal? Ah, por favor, diga que posso ocupar o lugar dele! Isso estaria acima de tudo para mim! Ainda mais porque você vai colocar um estrado, não é? Eu realmente *ficaria* acima de todas as coisas.

– Ah, Frances – disse Honoria, sorrindo-lhe com afeto. – Eu gostaria de poder fazer isso, mas você sabe que não deve haver crianças à mesa principal. Além do mais, precisamos de um cavalheiro.

– Então teremos lorde Hugh – completou Elizabeth.

– Ficarei feliz em ser útil – afirmou Hugh, embora estivesse claro para Sarah que não ficaria.

– Não consigo lhe dizer quanto estamos gratas – declarou Honoria. – Principalmente Sarah.

Hugh olhou para Sarah.

Sarah olhou para Hugh. E parecia determinada a deixar claro que, na verdade, não estava grata.

E então ele sorriu, aquele idiota. Aquilo não poderia ser considerado um sorriso no rosto de ninguém, mas Hugh era sempre tão sério que a menor curva nos cantos dos lábios equivalia a pulos de alegria de qualquer outra pessoa.

– Certamente ficarei contentíssima por me sentar ao seu lado e não com o primo Rupert – declarou Sarah.

*Contentíssima* era exagero, mas Rupert tinha um hálito horrível, e ela evitaria ao menos *isso* ao lado de lorde Hugh.

– Certamente – repetiu lorde Hugh, mantendo na voz a estranha mistura de monotonia e lentidão que fazia Sarah ter vontade de explodir.

Ele estava zombando dela? Ou apenas repetindo uma palavra para enfatizá-la? Não saberia dizer.

Mais uma característica que tornava lorde Hugh o homem mais irritante do reino. Se estivesse sendo ridicularizada, a pessoa não deveria ter o direito de *saber*?

– Não come cebolas cruas com seu chá, come? – perguntou Sarah friamente.

Ele sorriu. Ou talvez não.

– Não.

– Então está tudo certo – disse ela.

– Sarah? – indagou Honoria, hesitante.

Com um sorriso radiante, Sarah se virou para a prima. Nunca se esquecera do momento louco no ano anterior em que conhecera lorde Hugh. Ele havia passado de quente a frio em um piscar de olhos. E, maldição, se ele podia fazer isso, ela também podia.

– Seu casamento será perfeito – garantiu. – Tenho certeza de que lorde Hugh e eu vamos nos dar maravilhosamente bem.

Honoria não acreditou em Sarah nem por um segundo, não que Sarah achasse que acreditaria. A noiva olhou de Sarah para Hugh umas seis vezes no espaço de um segundo.

– Ahhhhh – disse, claramente confusa com o súbito embaraço. – Bem.

Sarah manteve o sorriso no rosto. Por Honoria, tentaria agir de maneira civilizada com Hugh Prentice. Por Honoria, até mesmo sorriria para ele e riria de suas piadas, presumindo que Hugh as fizesse. Mas, ainda assim, como era possível que Honoria não percebesse quanto ela o odiava? Ah, bem, não odiava. Reservaria o ódio para os verdadeiramente maus. Napoleão, por exemplo. Ou a vendedora de flores que tentara enganá-la na semana anterior.

Mas Hugh Prentice era mais do que uma amolação, mais do que irritante. Era a única pessoa (fora suas irmãs) que conseguira enfurecê-la tanto que ela precisara se conter para não o agredir.

Ela nunca havia ficado tão zangada quanto naquela noite...

## CAPÍTULO 2

Como eles se conheceram  
(do modo como *ela* se lembra)

*Londres, baile comemorativo do noivado do Sr. Charles Dunwoody  
com a Srta. Nerissa Berbrooke  
Dezesseis meses antes*

— **V**ocê acha o Sr. St. Clair bonito?

Sarah não se deu ao trabalho de se virar para Honoria ao fazer a pergunta. Estava ocupada demais observando o Sr. St. Clair e tentando decidir o que achava dele. Sempre preferira homens com cabelo castanho, mas não tinha tanta certeza de que gostava da cabeleira presa em um rabicho às costas. Isso o fazia lembrar um pirata ou alguém que estava *tentando* parecer um?

Havia uma enorme diferença.

– *Gareth* St. Clair? – perguntou Honoria. – O neto de lady Danbury?

Isso fez Sarah olhar imediatamente para ela.

– Não pode ser! – disse com um suspiro.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)